

ESTUDO DO TEXTO PELA ANÁLISE DO CONTEXTO: REFLEXÕES  
ACERCA DAS PERSONAGENS SHERAZADE DE **AS MIL E UMA  
NOITES** E FRAÜLEIN DE **AMAR, VERBO INTRANSITIVO – IDÍLIO**  
DE MÁRIO DE ANDRADE

ESTUDIO DEL TEXTO MEDIANTE EL ANÁLISIS DEL CONTEXTO:  
REFLEXIONES SOBRE LOS PERSONAJES SCHEHERAZADE DE **LAS  
MIL Y UNA NOCHES** Y FRAÜLEIN DE **AMAR, VERBO  
INTRANSITIVO-IDILIO** DE MÁRIO DE ANDRADE

Maria Elizabete Nascimento de OLIVEIRA<sup>1</sup>

Roberto Ferreira de OLIVEIRA

Dante GATTO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Por meio de um olhar analítico ao contexto social e cultural dos contos de **As mil e uma noites**, dos séculos XI e XII, e do romance **Amar, verbo intransitivo** de Mario de Andrade, publicado na segunda década do século passado, estudaremos as personagens Sherazade e Fraülein, respectivamente, na medida da inverossimilhança das suas ações que, em nossa concepção, são interpretações fantasiosas, acordadas por perspectivas deformadas do oriente ou do desconhecimento do processo histórico que suscitou estruturas psicológicas particulares. Fundamentar-nos-emos no estudo de Koehler, “As possibilidades de interpretação sociológicas ilustradas pela análise de textos literários franceses de diferentes épocas”, e Lukács, notadamente na “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, publicado no seu famoso **Ensaio de Literatura**. Apoiar-nos-emos, ainda em Edward Wadie Said (**Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**) no sentido de ratificar nossas conclusões. Sherazade e Fraülein, pois, são personagens incompreendidas quando descontextualizadas histórica e culturalmente. Assemelham-se na medida em que servem a um sistema excludente. Não há proposta de ruptura a partir delas e buscam alcançar seus objetivos, referendando as regras estabelecidas. Neste processo, as contradições acabam escancaradas e o efeito estético aponta para a dolorosa condição feminina.

Palavras-chave: estrutura psicológica; personagem; cultura.

---

<sup>1</sup> Docente da CEPROTEC, mestrado em Estudos Literários pela UFMT, m.elizabth@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Programa *stricto sensu* em Estudos Literários da UNEMAT, doutorado em teoria literária pela UNESP (Assis – SP), gattod@gmail.com.

RESUMEN: A través de una mirada analítica en el contexto social y cultural de los cuentos de **Las mil y una noches**, de los siglos XI y XII, y el romance **Amar, verbo intransitivo** de Mario de Andrade, publicado en la segunda década del siglo pasado, se estudiará la caracteres Scheherazade y Fraulein, respectivamente, como la improbabilidad de sus acciones que a nuestro juicio, son interpretaciones caprichosas, las perspectivas acordadas deformados por el este o de su desconocimiento del proceso histórico que dio origen a determinadas estructuras psicológicas. Vamos a fundamentar lo estudio de Koehler , "Las posibilidades de interpretación ilustrada por el análisis sociológico de textos literarios franceses de distintas épocas", y Lukács, sobre todo en "Introducción a los escritos estéticos de Marx y Engels," publicado en sus famosos **Ensayos de Literatura**. Apoyaremos todavía en Edward Said Wadie (**Orientalismo: la invención del este y oeste**) para confirmar nuestros hallazgos. Scheherazade Fraulein y por lo tanto mal entendido cuando los personajes son histórica y culturalmente contextualizada. Son similares en que sirven a un sistema exclusivo. No hay ninguna propuesta de romper con ellos y tratar de alcanzar sus objetivos, haciendo suyas las reglas. En este proceso, las contradicciones y enormes puntos finales estéticos efecto a la condición femenina doloroso.

Palabras clave: estructura psicológica, carácter, cultura

#### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho propõe aproximação entre a personagem Fraülein do romance **Amar, verbo intransitivo** de Mário de Andrade e Sherazade, a figura central da obra **As mil e uma noites**. Tal aproximação se justifica a partir da recepção possível entre nós, isto é, fora do contexto das referidas personagens. A análise destes contextos culturais, pois, explicará finalmente a referida recepção. Até mesmo, porque há uma fusão de horizontes no contexto expresso no interior do conto e do romance com a leitura atual, ou seja, a capacidade criativa e evolutiva do desenrolar das narrativas não atua diretamente nos dados formais dos textos, mas no grau de interpretação que lhe confere o leitor no momento em que o processo histórico lhe afeta o sentido.

Em ambos os casos, abster-se-á de citações quanto às características desta recepção, uma vez que, no mais das vezes, este processo se deu com a participação do próprio leitor destas páginas. A saber, em última análise: Sherazade foi sensualizada e Fraülein foi reduzida à prostituta. Exagero! Subestimo o raro e acidental leitor? No entanto, tais colocações, sem dúvida, já caíram nos ouvidos de todos que, de uma forma qualquer, participou de uma destas ardorosas e apaixonantes polêmicas que as personagens são suscitadoras.

“As possibilidades de interpretação sociológicas ilustradas pela análise de textos literários franceses de diferentes épocas” de Köehler (1989), sem dúvida, exerceu importante motivação para a efetivação deste estudo, principalmente no caso de **Amar, verbo intransitivo**. Köehler (1989) apresenta alguns princípios hermenêuticos que destinaria à análise de textos literários. Adverte, porém, que não pretende criar um sistema de sociologia literária ou esboçar a metodologia desta disciplina, mas sua intenção é possibilitar a compreensão de alguns exemplos extraídos de diferentes épocas, com as possibilidades de interpretação que cada época oferece. Assim, parte-se da constatação de Lukács (2009, p.55), de que “a imanência do sentido à vida tornou-se problemática” e a proposição que consiste em substituir à totalidade extensiva do real, a totalidade intensiva da coerência estética da obra literária<sup>3</sup> com o objetivo de situar a personagem para compreender as vibrações do seu *páthos*. **A princesa de Clèves** (1678) da senhora de La Fayette, que Köehler (1989 p.23) se utiliza para exemplificar, tem como tema central do romance a renúncia à satisfação da paixão amorosa. A verossimilhança da inusitada confissão da princesa ao seu marido, de sua paixão pelo duque de Nemours, é cuidadosamente elaborada na peripécia e se sustenta pela reprodução, sob a forma de um destino individual, da realidade do Estado absolutista em sua totalidade.

Outro exemplo plausível à discussão posta tratada por Köehler (1989, p.25) é **Manon Lescaut** (1731) do Abade Prévost. Quando Manon se vende pela terceira vez ao cavaleiro Des Grieux que a espera desesperadamente (acredita este que “a fatalidade da paixão é aval de que a existência pode ter um sentido”) ela envia em seu lugar uma bela prostituta (com valor praticamente igual ao seu, como julga) a quem paga uma soma menor do que ela cobra por si. Este rápido detalhe sobre a obra parece ser suficiente para expressar a classe de valores que orienta a heroína: ela reflete a reificação das relações humanas em face à realidade econômica do capitalismo. Neste exemplo, como no anterior, fica claro o processo pelo qual a infra-estrutura se metamorfoseia em motivos literários e em estruturas psicológicas.

## 1 O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE SHERAZADE

---

<sup>3</sup> O romance, como era com a epopeia, ainda tem por intenção a totalidade, mas o “[...] romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática”. (LUKÁCS, 2009, p.55)

A Arábia pré-islâmica, chamada pelos árabes a *djahlia*, época de ignorância e barbárie, deu origem ao islã que retomou características ancestrais, mais precisamente ao cristianismo e ao judaísmo, dando a estas uma continuidade ou corroborando para sua transformação. O profeta Mohammad<sup>4</sup> aparece no século VII da era vigente e inaugura o islamismo. Tratava-se, quanto à ética, de um povo que relacionava honra a virilidade. O homem tinha de ser forte e combativo, saber conduzir-se na paz como na luta contra o inimigo. O ambiente inóspito (deserto) interferiu na conduta do indivíduo. Se, por um lado, esta condição de vida impunha como exigência quase sagrada, a hospitalidade; por outro, este homem era rude e arredo. Mesmo a hospitalidade era limitada, uma vez que, dado ao nomadismo, hospeda-se para ser hospedado. Reforça-se, pois, paradoxalmente, o individualismo e a solidariedade.

As várias famílias, cada uma ocupando uma tenda, constituem o clã. Os vários clãs, por sua vez, formam a tribo. Todos ligados por um forte espírito de grupo, que é um traço marcante da mentalidade árabe. Ninguém é nada sozinho, impera o espírito da coletividade, tanto que o indivíduo separado da tribo desaparece e a honra desta sobreleva a do indivíduo, que a seguirá mesmo que, muitas vezes, discorde da orientação do chefe.

A exteriorização mais profunda de solidariedade e do companheirismo residia na lei do talião: “Ó crentes, fica prescrita a pena de talião para o assassínio, um homem livre por um homem livre, um escravo por um escravo, uma mulher por uma mulher” (ALCORAO, p. 15). Como, também, “Aquele que matou um homem que por sua vez não cometeu violência, é como se tivesse morto todos os homens, aquele que salva um homem só é considerado como se tivesse salvo todos os homens”. (ALCORAO, p.22). E, neste sentido, define-se o ideal de igualdade: “Os homens são iguais entre si como os dentes do pente do tecelão. Nenhuma diferença entre o árabe e o não árabe, entre o branco e o negro a não ser o grau da crença em Deus. (ALCORAO, p.22). Portanto, a estrutura social é estabelecida pela obediência a vontade divina.

---

<sup>4</sup> As outras pronúncias, Maomé, Mafoma, Mofamede, Tavergan, conforme Haddad (1981, p.5), são depreciativas e racistas.

O talião leva à vingança de forma implacável e modernamente se projeta no Código Penal: um homem, na Arábia Saudita, deu um tiro no olho de um chofer. A sentença foi arrancar um olho do agressor.

O árabe pode, por todo o norte da África e largas extensões da Ásia, encontrar pontos de atrito nos mais diversos setores da vida, mas Allah é o grande argumento à união. Tudo está transcendido pela divindade, tudo tem um alto sentido, nada por si mesmo existe nem tem em si valor: “A Deus pertence tudo o que está nos céus e tudo o que está na terra. Perdoa a quem lhe apraz e castiga a quem não lhe apraz. Deus é clemente e misericordioso”. (ALCORAO, p. 34).

Dado a este poder terrível e absoluto da religião, haverá, e isto é inevitável, um reflexo direto na psicologia coletiva, marcando assim diferenças essenciais em relação ao comportamento ocidental. Estas diferenças de maneiras de ser se revelam em todos os gestos da rotina diária, a começar pelos mais íntimos: o muçulmano só sabe urinar de cócoras. Poder-se-ia encher várias páginas citando diferenças, mas este não é o objetivo deste enfoque. Basta sabê-las que são muitas e profundas e que merecem ser abordadas e estudadas com mais cuidado em outro momento. Interessante, ainda, observar o fato da completa ausência de psicanalistas em Beirute como observa Haddad (1964, p.11): “Ela (a psicanálise) é, em última instância, uma justificativa da violação do tabu, e no Oriente, como nas sociedades primitivas, esta transgressão é injustificável, e, por isso mesmo, deve trazer consigo inapelavelmente, como sombra, o castigo”.

O Deus único é Allah e Mohammad o seu profeta. O monoteísmo faz parte da ideologia islâmica. É verdade que também do judaísmo e do cristianismo. Este é condenado pelos muçulmanos, porque admite a Santíssima Trindade e os santos, o que se configura como politeísmo. Dentro da ortodoxia islâmica, ainda, Deus não engendra nem é engendrado, não sendo aceitável a idéia de uma mãe de Deus. No entanto, o tratamento dado no Alcorão à Cristo e Maria é exemplarmente reverente, conforme Haddad (1981, p.12), ao mesmo tempo em que coloca que o cristianismo, em troca, não fez mais que ir imputando, através dos tempos, os mais ordinários insultos que denotam absoluta falta de inteligência e fanatismo.

A imagem islâmica vem sofrendo vicissitudes através dos tempos, a islâmica e mais amplamente a oriental, e esta imagem é imposta pela visão do

Ocidente, sua incapacidade de ver o outro; o Oriental só é ‘engolido’ se se ocidentalizar segundo a visão imposta pelo imperialismo, pelo racismo e, romanticamente, o amor ao exotismo, este último forçando o oriental a se tornar mais diferente do que de fato é, conferindo-lhe uma realidade que apenas decorre da projeção de fantasmas inconscientes ocidentais sobre ele (o oriental é misterioso, as mulheres orientais... a sabedoria oriental. Uma forma esperta de disfarçar a discriminação e o racismo é o elogio). (HADDAD, 1981, p.13-14).

Esta visão ocidental do oriente, bem como o ódio recíproco, são frutos de um processo histórico. A península ibérica expulsou os mouros conquistadores e, invertendo as posições, parte para a conquista o que vai culminar com a expansão do império português, pois foi contra eles que o império lusitano irrompeu pela África e pela Ásia. O resultado literário foi *Os Lusíadas* de Luís de Camões, em que Mohammad é tratado como o o “vil ismaelita” (CAMÕES, 1980, p. 78), o “torpe Mofamede” (CAMÕES, 1980, p. 124), o “vicioso Maoma” (CAMÕES, 1980, p. 421). Está imagem negativa desde cedo foi transferida para o Brasil. As cruzadas, querendo libertar os lugares santos, serviram também para completar a alquimia do anti-arabismo. Mais tarde, o califado passa a ser otomano e os turcos chegaram ameaçadoramente às portas de Viena. Ser turco transformou-se mesmo num grande insulto que até hoje, por todo o mundo, persegue árabes e descendentes. Depois, a questão do petróleo, os petrodólares tornaram-se os bodes expiatórios de todo o processo inflacionário. O sionismo e Israel, gerando no árabe um antijudaísmo progressivo e cruel, só comparável em intensidade ao próprio anti-arabismo dos judeus e, por último o *World Trade Center*.

Outro aspecto imprescindível a ser trabalhado neste liame é a condição da mulher dentro do mundo islâmico, visto que são personagens femininas que nos move neste diálogo. Em uma sociedade eminentemente masculina, a mulher constituía num bem da família, do qual o pai dispõe, cedendo-a a um pretendente que podia levá-la em troca de um dote. A mulher era um ser inferior, relativamente excluída do círculo da produção e, além disso, não servia para a guerra.

Prega o Alcorão (p.42) que:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e porque gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as,

bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos desobedecerem, não mais a molesteis. Deus é elevado e grande.

Vale ressaltar que a condição feminina no que tange ao oriente à medida que vai aproximando das condições ocidentais, melhora consideravelmente.

Esta rápida visão do Oriente, se bem que se resumiram perigosamente temas controversos e complexos, permite que se aproxime, com alguma segurança, à personagem Sherazade. No entanto, importante frisar que se trata de um dos olhares possíveis acerca da intrincada imbricação que a temática suscita.

Os contos, em questão, são contados por volta dos séculos XI e XII, um tempo economicamente organizado, principalmente o período do Califa Harum Al Rachid. O povo árabe se destaca por serem bons contadores de histórias. A poesia lhe é inerente. A reputação daquele que fala, para o árabe, é muito maior do que daquele que escreve. Mesmo Mohammad era analfabeto, no entanto, era o homem da pregação e encarnava a própria onipotência da palavra. Uma civilização oral, de uma literatura anônima em que as obras não são assinadas, pertencendo a todos e a ninguém.

O conto em foco narra o acontecimento desencadeador de **As mil e uma noites**. Desta forma, procurar-se-á fazer um breve resumo, tentando preservar o mais que possível as qualidades da narração original. É fato, por outro lado, que não utilizamos a tradução de Galland, a qual o epíteto mileumanoitesco tem tudo a ver, segundo Borges (1993, p.78), mais do que qualquer outra tradução. A obra utilizada foi traduzida do original para o português por Eduardo Dias. Sem se ater à questão das traduções que, no caso, não interferem no objetivo em questão, é interessante observar que Borges (1993, p. 79) refere-se às restrições de Galland como mundanas – “inspiradas pelo decoro, não pela moral”. Cita-se a nota do tradutor: “foi direto aos aposentos dessa princesa que, não esperando revê-lo, recebera em seu leito um dos últimos oficiais de sua casa”. Burton detalha este nebuloso oficial: “um negro cozinheiro, rançoso de graxa de cozinha e de fuligem”. Ambos, conclui Borges, deformam, de maneira diferente, uma vez que “o original é menos cerimonioso que Galland e menos ensebado que Burton”, Eduardo Dias omite integralmente o amante, inclusive refere-se ao adultério de maneira indireta. Mas vamos, finalmente, ao conto.

O monarca Sharriar, Rei da Pérsia, advertido pelo irmão Xarzenao, simula uma partida venatória e regressando inesperadamente para a casa e assegurando-se da triste realidade que o aproximava da sorte do irmão: a traição conjugal. Sharriar começou então a executar o que jurara. Bem, vamos explicar isto. Retornemos um pouco a seqüência narrativa. Xarzenao, Rei da Tartária, havia confidenciado-lhe sua dolorosa experiência: tivera que matar a Rainha e um oficial da guarda real, porque, não obstante o imenso amor que sempre consagrara à esposa – ou talvez por isso mesmo – tornara-se impiedoso desagrar a sua honra de homem e de Rei, iniludivelmente ofendida. Sharriar, apesar de estarrecido, louvou a atitude de seu irmão, de castigar os abomináveis traidores e se posicionou menos clemente, afirmando não se contentar em tirar a vida de uma só mulher e do seu cúmplice, mas sacrificaria mais de mil até acalmar a raiva ocasionada por tal afronta.

A cruel vingança do Rei da Pérsia foi sistematizada logo que o irmão despediu-se e regressou à Tártaria. Ordenou ao primeiro alvazir que lhe trouxesse a filha de um dos generais do seu exército. Após a noite de núpcias, a jovem foi entregue ao mesmo alvazir para ser degolada. E foram muitas as vítimas, pobres e inocentes vítimas, da alma atormentada e despótica do soberano, de tal forma foi que em breve a população da cidade estava abalada pelo coro lancinante dos que choravam os entes queridos. E assim os louvores e bênçãos que o rei granjeara até então converteram-se em imprecações e ameaças dos vassalos indignados.

O alvazir, este mesmo que fora rebaixado a verdugo oficial, cumpria tais ordens com horror e consternação. Estes sentimentos acentuados, talvez por ter duas filhas da mesma idade das desgraçadas esposas do sultão: Sherazade e Dinarzade. A primeira, a primogênita, a heroína em questão, era uma criatura de ânimo, um espírito superior, desenvolvido por uma penetração e servido por grande talento. A essas qualidades juntava-se uma prodigiosa memória, graças à qual retinha o que estudava de filosofia, história, medicina, artes, versos dos melhores poetas – além das próprias composições literárias em que superava os mais afamados escritores do seu tempo. Por outro lado, fora dotada pela natureza com rara formosura e excelsa virtude.

Sherazade, é claro, estava também impressionada e compungida pela tragédia nacional a ponto de rogar ao pai que propiciasse o seu encontro com o Sultão. Como forma de por fim à medida bárbara que apavorava a todos, casar-se-ia com ele.

O alvazir desesperou-se, encolerizou-se. Usou de todos os meios para dissuadi-la desse verdadeiro suicídio. No entanto, a obstinação da moça fê-lo afinal conceder-lhe o atroz desejo. Assim, Sherazade arquitetou um plano que incluía a participação da irmã Dinazarde.

Quando anoiteceu, o alvazir dirigiu-se com a filha ao palácio e introduziu-a na alcova do Sultão. Sharriar, perplexo pela estranha coragem, experimentou ainda um enorme assombro diante da beleza daquele rosto, depois, é claro, que ela levantou o véu tradicional com que as muçulmanas cobrem as faces. Havia indícios de lágrimas naqueles lindos olhos. Indagada o porquê, Sherazade contou-lhe do entranhado afeto que a prendia à irmã Dinarzade e, neste sentido, confessou-lhe o desejo de que esta passasse a noite junto dela, o último adeus, a última prova de carinho. Sharriar concedeu deslumbrado tanto pela beleza física como pelo amor fraternal.

Uma hora antes de amanhecer, Dinarzade solicitou que Sherazade lhe contasse um daqueles maravilhosos contos que só ela sabia, lembrando, novamente, que seria a última vez. Sharriar consentiu. Sherazade lançou-se à narração, mas se calou quando viu que já era dia e também porque sabia que o Rei gostava de se levantar cedo para fazer suas orações e presidir o Conselho do Estado. Dinarzade então, conforme combinado, elogiou o conto ao que Sherazade insinuou que o que se seguiria seria ainda mais extraordinário. O soberano, engabelado, decide aguardar o final do conto e assim adia a execução para o próximo amanhecer.

Assim, prorroga-se o final trágico por mil e uma noites, mil e uma vezes é adiada a terrível execução. Sharriar confessou sua perplexidade tanto no que se refere aos prodígios dos contos como também com a manobra do encadeamento sem fim. Acaba, pois, por revogar o tético propósito, confessando sua admiração pelo denoto com que Sherazade expôs voluntariamente a existência para evitar o sacrifício de outras mulheres.

Qual a conclusão, em largas passadas, que se pode tirar deste conto? Edward W. Said, em seu livro **Orientalismo, o oriente como invenção do ocidente**, um ensaio erudito sobre o tema, faz a seguinte consideração:

Não se deve nunca supor que a estrutura do orientalismo não passa de uma estrutura de mentiras ou de mitos que, caso fosse dita a verdade sobre eles, partiriam com o vento. Eu mesmo acredito que o orientalismo é mais particularmente válido como um sinal de poder europeu-atlântico sobre o

Oriente que como um discurso verídico sobre o Oriente (que é o que, em sua forma acadêmica ou erudita, ele afirma ser). **Apesar disso, o que temos de respeitar e tentar apreender é a força nua e sólida do discurso orientalista, os seus laços mais íntimos com as instituições sócio-econômicas e políticas capacitantes, e sua temível durabilidade.** (SAID, 1996, p. 18). O grifo é nosso.

Sherazade seduz não só pela beleza ou pela suposta sensualidade, mas, principalmente, pela força da palavra. E o sentido desta afirmação só a temos com a visão adequada da realidade islâmica, onde floresceu a personagem. Fica claro, pois, o *páthos* sherazadiano, digamos assim, que escapa, em muito, a visão do descuidado leitor ocidental.

A inferioridade feminina, não obstante seja também baliza islâmica, não justifica nossa concepção de Sherazade: a sensualidade em detrimento à inteligência, como já comentamos.

Outro fator de relevância para a reflexão em pauta é a característica de coragem da personagem em questão. No período em foco a sociedade era exclusivamente machista e ao público feminino cabia apenas a obediência servil. No entanto, Sherazade deixa clara sua força individual, levantando a bandeira de um ideal coletivo.

## 2 O LUGAR DE FRAÜLEIN

O romance conta a iniciação amorosa/sexual do adolescente Carlos e a consolidação de um idílio improvável. A professora de amor e/ou instrutora de sexo é Fraülein Elza, alemã, 35 anos, que na prática cotidiana, aparentemente, exerce apenas as funções de governanta da família Souza Costa, típico casal burguês da sociedade paulista de novos-ricos, que vive uma relação conjugal de cumplicidade hipócrita, convenção tacitamente firmada entre eles: “nunca jamais ele trouxera do vale (Anhangabaú?) um fio louro no paletó”. (ANDRADE, 1995, p.55). Os cabelos da esposa, Dona Laura, eram pretos. Existia, portanto, um clima mais ou menos propício para o tipo de acordo que o Senhor Souza Costa estabelece com Elza. Dona Laura, em princípio, não é advertida da situação apesar de que o seu consentimento era uma das exigências enfaticamente solicitada por Elza (a outra eram oito contos). Daí pode-se prever a inevitável descoberta e a previsível aceitação de Dona Laura.

Além de Carlos e Fraülein, **Amar, verbo intransitivo** ainda possui outra personagem “principal” – o narrador – que embora não participe diretamente da intriga (heterodiegético), consolida sua interferência na medida em que estreita o contato com o leitor, revelando aquela perplexidade machadiana, principalmente na sua relação com a perturbadora Fraülein que lhe escapa pirandelianamente. As cenas são intercaladas por digressões deste narrador, revelando as contradições das personagens, solidarizando-se com elas e por vezes julgando-as impiedosamente. Assim, este narrador estabelece a dualidade psíquica do alemão. “No filho da Alemanha tem dois seres: o alemão propriamente dito, homem-do-sonho; e o homem-da-vida, espécie prática do homem-do-mundo que Sócrates se dizia”. (ANDRADE, 1995, p. 59).

O inusitado da profissão de Fraülein pode parecer completamente inverossímil numa visão separada da totalidade sócio-econômica e histórica. Professora de amor, profissão que uma “fraqueza” lhe permitiu exercer, no entanto “é uma profissão” (ANDRADE, 1995, p.49) para ela. O narrador, no entanto, tem lá suas incredulidades, ao mesmo tempo em que exhibe o conflito interior da personagem.

É coisa que se ensino o amor? Creio que não. Pode ser que sim. Fraülein tinha um método bem dela. O deus (homem-do-sonho) paciente o construíra, tal qual os prisioneiros fazem essas catitas cestinhas cheia de flores e de frutas coloridas. Tudo de miolo de pão. Tão mimoso! (ANDRADE, 1995, p. 63).

Fraülein é configurada com um excepcional poder de adaptação frente a realidade hostil do exílio: “Qual! Fraülein não podia se sentir a gosto com aquela gente! Podia porque era bem alemã. Tinha esse poder de adaptação exterior dos alemães, que é mesmo a maior razão do progresso deles”. (ANDRADE 1995, p. 59).

Retornemos a Köehler (1989, p.31), apresentado na “introdução” deste trabalho, agora com um exemplo ainda não citado, **Madame Bovary**, de Flaubert. Mais particularmente a cena do homem de pé-aleijado que reflete, e é isto que nos interessa, um traço essencial da realidade histórica. Aqui Flaubert nos coloca diante do “princípio da eficiência”. Ora, Charles não tinha “competência” para executar a operação e assim atender à esposa que o pressiona movida pela ambição social. É uma abordagem completamente moderna, porque se refere a

uma imposição da sociedade industrial que estabelecia seus valores. Portanto, Flaubert “descobriu ali um problema que não poderia ter sido colocado antes dessa época”. Nesta cena-perípecia podemos distinguir, portanto, através da camada ideológica da motivação e mediação, os traços da infra-estrutura social que influem mais diretamente no romance. Representa o ponto culminante da ação, pois marca o processo de desagregação de Emma.

Em **Amar, verbo intransitivo** encontra-se um princípio com funcionamento similar ao da eficiência, utilizado em *Madame Bovary*. Apesar de longa, vale a pena ler a citação onde o narrador aborda a questão, ainda tratando da ambigüidade do alemão (homem-do-sonho e homem-da-vida):

O homem-da-vida é o que a gente vê. Ele criou no negócio dele artigo tão bom como o do inglês. Cobra caro. Mas não vê que um comprador saiu com as mãos abanando por causa do preço. Adapta-se o homem-da-vida. No dia seguinte o freguês encontra artigo quase igual ao outro, com o mesmo aspecto faceiro e de preço alcançável. Sai com os bolsos vazios e as mãos cheias. O anglo da fábrica vizinha, ali mesmo, só atravessar um estirão de água zangada, não vendeu o artigo dele. Não vendeu nem venderá. E continuará sempre fazendo-o muito bom. (ANDRADE, 1995, p.60).

Só de passagem, é de se notar que este fenômeno, que Mario de Andrade identificou com tanta argúcia já nos anos 20, que representava mesmo “a maior razão do progresso deles”, do povo alemão, trata-se, sem dúvida, da forma preliminar de um sistema administrativo chamado “controle de qualidade total” ou TQC (*Total Quality Control*) como é conhecido no Japão onde, conforme Falconi (1992, p.13), foi aperfeiçoado a partir de idéias americanas ali introduzidas logo após a segunda guerra mundial. Este sistema administrativo foi responsabilizado pela ascensão do Japão a condição de grande potência econômica. No Brasil, o TQC foi assimilado no final da década passada e se tornou uma verdadeira febre nos anos 90. Consiste basicamente em alçar o cliente à condição de Rei, sempre sensível as nuances dos seus desejos. O objetivo, como princípio inerente às empresas capitalistas, é o lucro; o recurso é a satisfação integral do cliente/consumidor; a contingência econômica desencadeadora é a concorrência.

Não são os fornecedores do produto (ou serviço), mas aqueles para quem eles servem – os clientes, usuários e aqueles que os influenciam ou

representam – que têm a última palavra quanto e até que ponto um produto atende às suas necessidades e satisfaz suas experiências. A satisfação relaciona-se com o que a concorrência oferece. (GARVIN, 1992, p. 29).

Observa-se, portanto, que da mesma forma que o “princípio da eficiência”, em **Madame Bovary**, provoca a transformação, que se dá graças as camadas de mediação e motivação, de um tema emprestado da realidade econômica e social em um valor efetivo, em **Amar, verbo intransitivo**, temos o “princípio da concorrência”. Este foi instaurado, também, pela complicada situação de mercado de consumo que foi uma das causas geradoras da Primeira Guerra Mundial e com ela se agravou.

Tem-se, assim, Fraülein em terra estrangeira, um país há pouco saído de uma economia agrária atrasada, cujas famílias de novos-ricos mostravam-se ciosas da fortuna recém-adquirida e protegiam-se protegendo os filhos dos eventuais ataques das eventuais aventureiras. Bem, os meninos apenas, porque as meninas, estas eram explicitamente reprimidas numa época absolutamente patriarcal e machista.

A descoberta de Dona Laura do acordo estabelecido entre Fraülein e o senhor Souza Costa, referente à iniciação amorosa/sexual de Carlos, provocou explicações desconcertantes, exibindo a hipocrisia social vigente na metrópole paulista.

Laura, Fraülein tem o meu consentimento. Você sabe hoje esses mocinhos... é tão perigoso! Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade... é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois disso de principiar... é tão perigoso! Você compreende uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! Não é só bebida não! Hoje não tem mulher-da-vida que não seja eterônoma, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças! (ANDRADE, 1995, p. 77).

O fato é que havia um vasto mercado para a professora de amor, que se fez assim, inclusive, por captar as necessidades e capacidade deste mercado. Em outras palavras: o cliente/usuário Souza Costa, Carlos e Dona Laura também, como vimos, a sociedade de novos-ricos paulistas, apresentaram uma necessidade, reconheceram a qualidade do serviço de Fraülein em função da concorrência e ratificaram a existência da professora de amor.

A cena peripécia no sentido aristotélico, também se pode identificar em **Amar, verbo intransitivo**. Trata-se da cena do ciúme: Fraülein, através do método socrático de perguntas e respostas, inquire Carlos sobre suas experiências sexuais: “Bem que ela desconfiara na primeira noite, Carlos já conhecia o”. (ANDRADE, 1995, p.103). Obtém, por fim, a confissão: “O fato de Carlos não lhe ter dado a inocência, preocupava-a. sejamos sinceros: **aquilo machucou-lhe o orgulho profissional**”. (ANDRADE, 1995, p.103). O grifo é nosso.

Atente-se para o fato que, segundo este ponto de vista, a professora de amor não se trata de uma prostituta, mas, como Manon, Fraülein torna-se mercadoria: “Fraülein preparava ele. Depois disso não tem consequência... quem me indicou, Fraülein foi o Mesquita,... se utilizaram dela, creio que pro filho mais velho”. (ANDRADE, 1995, p. 82). Fraülein acaba refletindo, em sua psicologia a reificação das relações humanas. “Professora de amor... porém não nascera pra isso, sabia. As circunstâncias é que tinham feito dela a professora de amor, se adaptara. Nem discutia se era feliz, não percebia a própria infelicidade. Era verbo ser”. (ANDRADE, 1995, p. 104).

Outro recurso interessante utilizado por Mário de Andrade para caracterizar a reificação humana dentro da sociedade capitalista consiste, neste enfoque, no fato da personagem, a partir do momento que assume seu papel na casa de Souza Costa passa a ser designada simplesmente por Fraülein (professora), num claro sentido de enfatizar a função em detrimento da pessoa Elza.

Espera-se, pois, ter demonstrado a transformação da totalidade extensiva em totalidade intensiva que ocorre em **Amar, verbo intransitivo**, principalmente nesta polêmica questão da professora de amor. Há um momento exemplar do que tentamos argumentar: Fraülein invadida por sentimentos confusos (totalidade intensiva), na expressão da sua dor, confunde-se com a Alemanha (totalidade extensiva): “Fraülein sente uma fraqueza, sorri de amorosa. Pobre Carlos vai sofrer. Vem uma revolta: que sofra e ela então? Grande Alemanha sem recursos, desmantelada”. (ANDRADE, 1995, p. 132). O contexto foi decisivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sherazade e Fraülein, pois, são personagens incompreendidas quando descontextualizadas histórica e culturalmente. Assemelham-se em alguns aspectos, como vimos: ambas servem a um sistema excludente. Não há proposta de ruptura e buscam alcançar seus objetivos, referendando as regras estabelecidas. Neste processo, as contradições acabam escancaradas e o efeito estético aponta para a condição feminina. Ambas, pode se dizer, vão às últimas conseqüências para alcançar seus objetivos.

Conforme Engels (apud LUKÁCS, 1968, p.44), a criação de caracteres típicos (e de situações típicas) significa a representação concreta das forças sociais, significa o renascer original, não imitativo, do *páthos* da arte antiga e da estética antiga. Sem dúvida, isto fica mais fácil de aceitar no que se refere à Sherazade, um mundo fechado, com valores estamentados. Ora, como adverte Lukács (2009, p.31), algo fechado há de ser mais perfeito, porque nada remete a algo exterior mais elevado. Nosso mundo, no entanto, o mundo de Fraülein, tornou-se infinitamente grande e rico em perigos e dádivas e disto resultou a perda da totalidade. Ainda Lukács (1976, p.17), uma unidade relativa do universal e do individual é inalcançável no mundo burguês. O *páthos*, neste caso, acaba condenado à ordem privada. O individualismo é, pois, uma lei universal e não simplesmente uma causalidade, sendo possível a realização do *páthos* da vida moderna dentro do horizonte da individualidade, na esfera psicológica. Fraülein e Sherazade estão, afinal, separadas por sete séculos, milhares de quilômetros, e a sensível diferença do São Paulo da garoa e o deserto da Arábia.

Tanto no conto como no romance, o papel do leitor-criador torna-se obrigatório, pois a tessitura dos enredos faz aflorar as condições sócio-políticas em que era inserida a figura feminina. Isto acontece a partir do dialogismo crítico que se pode estabelecer nas tramas do discurso tecido pelas personagens.

“**Amar, verbo intransitivo**, é um romance pró-mulher”, argumenta Lopez (1995, p. 24), uma vez que o narrador conquista a expressão feminina e admite a autonomia de sua heroína. Em Sherazade, no entanto, nenhuma ambigüidade, somente determinação absoluta que valia a própria vida. Inverossímil? Absolutamente, como vimos, debruçando-se, ainda que rapidamente, para olhar a realidade islâmica. Oriental? Não necessariamente. Dir-se-ia, miliumanoitesco com tudo que este adjetivo expressa da magia de **As mil e uma noites**.

Não se pode esquecer de que se trata aqui de *personagens*, e que estas existem apenas no espaço da ficção, bem como, de cuidar para não se deixar emaranhar na armadilha que se esta tentando desarmar. Pode-se imaginar os sentimentos que teria experimentado a intrigante Sherazade, impensados por um anônimo Rawi, perdido na história. Quem sabe não teria ela vividos sentimentos semelhantes aos que impulsionou a Rainha da Pérsia, antes de ser degolada, a levar para o seu leito um obscuro empregado do palácio real? E por que não? O narrador de **Amar, verbo intransitivo** não esconde suas dúvidas diante dos sentimentos humanos: “Todos os instintos baixos dela, porque baixos! Todos os instintos altíssimos dela, guardados por horas... (altos ou baixos?... ninguém o saberá jamais!)”. (ANDRADE, 1995, p. 89).

Mário de Andrade tinha uma proposta ligada aos ideais modernistas da semana de 22, portanto, completamente diverso do ideal árabe que só queria, e isto não é pouco, um conto, um conto bem feito, bem estranho, bem maravilhoso, para ouvi-lo molemente num palácio de mármore ou sob o sol escaldante do deserto. Indiferente a todas as elucubrações, no entanto, Sherazade e Fraülein permanecerão nas páginas maravilhosas que as eternizaram, cumprindo de forma magistral o seu papel, que de resto, são existências de papel.

## REFERÊNCIAS

**ALCORÃO**. Trad. Mansour Chalita. Rio de Janeiro: Record, s.d.

ANDRADE, M. (1927). **Amar, verbo intransitivo: Idílio**. 16 ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1995.

**AS MIL E UMA NOITES**. Trad. Eduardo Dias. 3 ed. Lisboa: Clássica, 1949, 6 vol. Original árabe.

BORGES, J. L. **Os tradutores das 1001 noites**. In: \_\_\_\_\_ História da eternidade. 3 ed. São Paulo: Globo, 1993. p.75-97.

CAMÕES, L. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

FALCONI, Campos V. **Controle da qualidade total** (No estilo japonês). 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1992.

GARVIN, D. A. **Gerenciando a qualidade: a visão estratégica e competitiva**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

HADDAD, J. A. Introdução ao conto árabe. In: HADDAD J. A. (Org.). **Maravilhas do conto árabe**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 9-30.

HADDAD, J. A. **O que é islamismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos, 41).

KOEHLER, E. As possibilidades de interpretação sociológicas ilustradas pela análise de textos literários franceses de diferentes épocas. **Litterature et société**, p. 47-71, 1989. Tradução de Maria Lúcia Vissoto. (Mimeogr.)

LOPES, T.A.P. Uma difícil conjugação. In: ANDRADE, M. **Amar, Verbo Intransitivo, Idílio**. 16. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1995. p.9-44.

LUKÁCS, G. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: **Ensaaios sobre literatura**. Rio de Janeiro, 1968. p. 13-45. (Biblioteca do leitor moderno, 58).

LUKÁCS, G. O romance como epopéia burguesa. In: LUKÁCS, G., BAKHTIN M. et alii. **Problemi di teoria del romanzo; metodologia letteraria e dialética storica**. Trad. Letizia Zini Antunes. Torino: Einaudi, 1976. p.131-178.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico**. 2. ed. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

SAID, E. W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.